



# O Republicanismo de Hannah Arendt: o pensamento contra a barbárie

The Republicanism of Hannah Arendt: the thought against the barbarism

Sérgio Cruz de Castro Lima

Mestre em História

Universidade Severino Sombra (Vassouras-RJ)

sergiocruz0609@gmail.com

**Recebido em:** 20/06/2016

**Aprovado em:** 15/09/2017

**RESUMO:** Este artigo objetiva analisar o pensamento político de Hannah Arendt e suas principais características. O nosso argumento é que Arendt desenvolveu um ideário em que busca a preservação da pluralidade e de uma escrita da História que mobiliza todo um ideal contra o Totalitarismo. Os valores arendtianos compõem o que chamamos de tradição esquecida, um viés de pensamento republicano para pensar a barbárie do tempo em que ela viveu. O Republicanismo, por seu turno, tem como principais aspectos: o governo das leis, a liberdade como participação política e a igualdade entre os pares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hannah Arendt, Republicanismo, Barbárie.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the political thought of Hannah Arendt and its main features. Our argument is that Arendt developed one ideology that seeks to preserve the plurality and a historiography that mobilizes all ideal against Totalitarianism. The values of Arendt make up what we call the forgotten tradition, a Republican bias to think the time barbarism in which she lived. The Republicanism, in turn, has the main features: the government laws, the freedom as political participation and the equality among peers.

**KEY-WORDS:** Hannah Arendt, Republicanism, Barbarism.



## A tradição republicana e Hannah Arendt

Hannah Arendt (1906-1975) foi uma pensadora que, conforme ela mesma frisou, nunca se filiou especificamente a uma corrente de pensamento. Até por isso, sempre pairou a dúvida sobre em qual espectro do pensamento político ela estaria: direita ou esquerda.<sup>1</sup> Para muitos, essa não filiação está na origem da demora para ser reconhecida no meio acadêmico. Em vários países, como no Brasil, o pensamento dela foi recepcionado no meio acadêmico após a década de 1980.<sup>2</sup> De outra forma, a dificuldade reside no fato de se tratar de um ideário bastante peculiar em relação ao marxismo e ao liberalismo, por exemplo. Arendt foi essencialmente marcada pela ascensão do Totalitarismo, particularmente pelo Nazismo Alemão, uma vez que na condição de judia ela teve que se refugiar fora da Alemanha, estabelecendo-se nos Estados Unidos.<sup>3</sup>

A chave para compreendê-la é nos perguntar sobre o que mais a afligia em relação à ascensão do Totalitarismo. Nesse sentido, parece-nos que as questões a serem refletidas são: como pôde o totalitarismo surgir? Por quais motivos a Tradição do Pensamento Político nunca pensou sobre o assunto? Como salvaguardar - ante o Totalitarismo - a Democracia e a República? Ao longo desse artigo analisaremos as questões supracitadas e, conseqüentemente, verificaremos o que mobilizou Arendt a pensar o político. Entendemos que outra questão a ser colocada é sobre a peculiaridade do ideário arendtiano e se podemos aproximá-la, como pensadora do político, de alguma tradição.

Nessa perspectiva, apesar de Arendt não verificar na tradição as características que poderiam salvaguardar a sociedade contra os movimentos totalitários, ela busca na História do Pensamento Ocidental o que chamou de tesouro perdido, ou tradição esquecida.<sup>4</sup> *Grosso modo*, esses fragmentos esquecidos se caracterizam não pelo que está aparente, na superfície, mas pelo que está, como nos informa Arendt, no “fundo do oceano”. Encontra-se em Arendt, dessa forma, um republicanismo adaptado às circunstâncias do século XX com todas as suas singulares características. De modo geral, traçaremos, nas linhas que se seguem, o que seria inerente à tradição republicana desde a Antiguidade greco-romana, no intuito de situarmos melhor o que

---

<sup>1</sup> A esse respeito, ver a entrevista de Arendt a Gunter Gaus em: ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

<sup>2</sup> CAVALCANTI, Berenice. Hannah Arendt em companhia de historiadores. In: BIGNOTTO, Newton; MORAES, Eduardo Jardim de (Orgs.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

<sup>3</sup> Após a fuga da perseguição nazista, Arendt refugia-se primeiro em Paris - onde firma amizade com Walter Benjamin. Posteriormente, vai para os Estados Unidos e se estabelece no meio universitário.

<sup>4</sup> Há vários trabalhos sobre o tema. Dentre outros, podemos destacar: DUARTE, André. **O Pensamento à Sombra da Ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.



apresentaremos ao longo do texto.<sup>5</sup>

Sobre o conceito de Republicanismo, de forma específica, há diversos pesquisadores que tratam do tema, tais como: Philip Petit,<sup>6</sup> Richard Dagger,<sup>7</sup> Maurizio Viroli<sup>8</sup> e Skinner.<sup>9</sup> Mas não só. No Brasil, há excelentes trabalhos sobre o assunto,<sup>10</sup> como, por exemplo, a obra *Matrizes do Republicanismo*, na qual os autores traçam um percurso da Tradição de Pensamento do Republicanismo, desde a Antiguidade Romana, com Cícero e Políbio - dois pensadores essenciais para o entendimento do assunto - passando pelo Humanismo Cívico, pela Revolução Inglesa (século XVII) e pelas Revoluções Francesa (1789) e Americana (1776).

Em linhas gerais, conforme a teoria das formas de governo, a palavra República, oriunda do latim, tem sua origem no termo grego *politeia*. Esta representava o que Aristóteles chamava de governo misto,<sup>11</sup> já que a Democracia constituía-se na tirania da maioria e a Aristocracia na tirania da minoria. A República, em sua essência, busca atender ao bem comum. Para tal, necessita-se da participação política. Conforme Sérgio Cardoso,

ultrapassa-se, enfim, a definição abstrata de um regime de governo de todos os homens livres em vista da sua liberdade - a democracia - pela definição da *politeia* como regime de todos os homens livres, ricos e pobres, empenhados na busca de um bem verdadeiramente comum<sup>12</sup>.

É importante lembrar que para o bom funcionamento da República, o ideal é uma numerosa classe média. O interessante é que Tocqueville observou essa numerosa classe média nos Estados Unidos.<sup>13</sup>

Verifica-se uma conceituação interessante sobre republicanismo em Bignotto:

se não podemos pretender que haja uma unidade perfeita entre os autores, que muitas vezes defendem posições bastante diferentes com relação a problemas contemporâneos, é verdade que o republicanismo se caracteriza como uma corrente de pensamento que concede grande valor à política e à vida ativa<sup>14</sup>.

Na mesma linha e diferenciando o conceito liberal de liberdade da conceituação

---

<sup>5</sup> Dentre outros, podemos destacar: BIGNOTTO, Newton (Org.). **Matrizes do Republicanismo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. Da mesma forma, ver: BIGNOTTO, Newton (Org.). **Pensar a República**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

<sup>6</sup> Cf. PETIT, Philip. **Republicanism: a theory of freedom and government**. Oxford University Press, 1982.

<sup>7</sup> Cf. DAGGER, Richard. **Civic Virtues: Rights, Citizenship, and Republican Liberalism**. Oxford University Press, 1997.

<sup>8</sup> Cf. VIROLI, Maurizio. **Republicanism**. New York: Ed. Hill and Wang, 2002.

<sup>9</sup> Cf. SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>10</sup> Dentre outras, ver: BIGNOTTO. **Matrizes do Republicanismo**. Da mesma forma, ver: BIGNOTTO. **Pensar a República**.

<sup>11</sup> Cf. ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Ed. Escala, [19--]

<sup>12</sup> CARDOSO, Sérgio. Que república? Notas sobre a tradição do “governo misto”. In: BIGNOTTO, Newton (Org.). **Pensar a República**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 39.

<sup>13</sup> Cf. TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América: leis e costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

<sup>14</sup> BIGNOTTO. **Matrizes do Republicanismo**.



republicana, Adverse nos informa: “a tradição republicana sempre se recusou a entender a liberdade primeiramente em termos individuais: antes de tudo ela é pública, o que significa que não pode ser reduzida a um direito a ser garantido pelo poder público”<sup>15</sup>. De uma forma geral, analisaremos como as características do Republicanismo - importância da participação política (*vita activa*)<sup>16</sup> visando ao bem comum, separação entre vida privada e vida pública, governo das leis, dignidade do que é próprio do âmbito político - permeiam as ideias políticas de Hannah Arendt.

### Arendt e a liberdade

Em *Quatro Ensaios sobre a Liberdade*, Isaiah Berlin estabelece que há dois tipos de liberdade: positiva e negativa. “Minha tese é que historicamente a noção de liberdade ‘positiva’ – em resposta à pergunta ‘Quem é o dono?’ divergia daquela de liberdade ‘negativa’, que objetivava a responder a questão ‘Em que área exerço meu domínio?’<sup>17</sup>. Explica que a liberdade positiva tem como fundamento a participação política, enquanto que a liberdade negativa tem como premissa limitar o poder do governo, de forma a evitar a interferência na vida privada do cidadão. Entretanto, Berlin analisa o que há em comum nos dois modos de liberdade.

A essência do conceito de liberdade, nos seus sentidos ‘negativo’ e ‘positivo’, é manter à distância algo ou alguém - outros que invadem o meu campo ou impõem sua autoridade a mim, ou suas obsessões, medos, neuroses, forças irracionais - intrusos e déspotas de todos os tipos<sup>18</sup>.

Hannah Arendt, por sua vez, preconizava a importância da virtude política do cidadão como meio de evitar o Totalitarismo. Nesse sentido, mobiliza de forma sistemática a liberdade como ação na esfera pública. Ao analisar a antiga democracia grega enaltece que a participação no âmbito público era sinônima de liberdade. Não é à toa que argumenta: “para a pergunta sobre o sentido da política existe uma resposta tão simples e tão concludente em si que se poderia achar outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade”<sup>19</sup>

Quem participava das deliberações públicas era livre e quem cuidava dos assuntos da casa estava no âmbito da necessidade, não sendo livre. Essa distinção é relevante para mostrar que quem ia à cena pública não levava as preocupações da vida privada. Era inconcebível confundir o

---

<sup>15</sup> ADVERSE, Helton. Republicanismo. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton et al.. **Dimensões Políticas da Justiça**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2013.

<sup>16</sup> Para verificar uma importante distinção entre *vita contemplativa* e *vita activa* ver: BIGNOTTO. **Pensar a República**. Ver também: BIGNOTTO, Newton (Org.). **Origens do Republicanismo Moderno**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

<sup>17</sup> BERLIN, Isaiah. **Quatro Ensaios sobre a liberdade**. Brasília: Ed. Unb, 1981. p. 24.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_. **Quatro Ensaios sobre a liberdade**, p.160.

<sup>19</sup> ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. São Paulo/Brasília: Editora Ática/Editora da UnB, 1988. p. 38.



público com o privado. Quem não participava da política estava privado de algo importante para a condição humana, já que a liberdade caracterizava o ser humano.

Na opinião dos antigos, o caráter privativo da privatividade, implícito na própria palavra, era sumamente importante: significava literalmente um estado no qual o indivíduo se privava de alguma coisa, até mesmo das mais altas e mais humanas capacidades do homem.<sup>20</sup>

No tocante ao ideário arendtiano, necessita-se analisar sob quais condições ela mobiliza um pensamento com viés republicano. Para tal, devemos considerar a peculiaridade dos acontecimentos que marcaram a modernidade e, mais especificamente, a sociedade na qual e para a qual ela viveu. Verifica-se, nesse sentido, que se trata de uma sociedade sob a égide do Totalitarismo - Nazismo e Stalinismo -, sociedade em que perdeu-se o sentido positivo da liberdade preconizada por Arendt e em que o *homo economicus* torna-se a figura predominante; sociedade na qual o que é próprio do âmbito do político torna-se, portanto, derivação da economia; enfim, uma sociedade de massas interessada em ganhos privados e sem participação política.

As características supracitadas caracterizam os tempos sombrios vividos por Arendt.<sup>21</sup> Dessa forma, ela aciona um pensamento que visa a salvaguardar a república e a liberdade, não obstante sua descrença com a sociedade de seu tempo.

### **Igualdade e diferença em Arendt**

O tema da igualdade é fundamental para se pensar o Republicanismo. A possibilidade dos cidadãos se encontrarem na praça pública para debater os assuntos da *polis* – igualdade entre os pares por meio da fala e da ação – está na caracterização do pensamento republicano.<sup>22</sup>

Tocqueville, por exemplo, elaborou um pensamento em que, devido à inevitabilidade da igualdade democrática e seus perigos – despotismo democrático e tirania da maioria – buscou mobilizar o interesse bem compreendido para salvaguardar a Democracia na modernidade.<sup>23</sup> Hannah Arendt também pensou nessa perspectiva, visto que o desejo pela igualdade<sup>24</sup> (ganhos privados) e a ausência de liberdade como participação política - condições *sine qua non* da sociedade de massas – culminou em Totalitarismo.

A conciliação entre igualdade e liberdade passa a ser uma preocupação central para os

<sup>20</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 48

<sup>21</sup> \_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>22</sup> É comum nas obras de Arendt encontrarmos o argumento sobre a liberdade. Especialmente, ver: \_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

<sup>23</sup> JASMIN, Marcelo G. **Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política**. Rio de Janeiro: Ed. Acess, 1997.

<sup>24</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



pensadores dos séculos XIX e XX.<sup>25</sup> A concepção do que é ser livre e do que é a igualdade e a ênfase que ora recai num ou noutro caracteriza um modelo de se pensar a sociedade, que se convencionou chamar de esquerda, direita etc.<sup>26</sup> Em Arendt, verifica-se uma preocupação com a igualdade numa sociedade de massas, assim como um pensar sobre a abolição das diferenças. A pluralidade e a tolerância à diversidade tornam-se primordiais para evitar a atomização dos indivíduos numa sociedade massificada e no que poderia resultar dessa massificação,<sup>27</sup> as experiências do Totalitarismo.

### **O sentido da Revolução em Hannah Arendt**

Segundo Arendt, é somente com a Revolução Francesa que a palavra passou a adquirir o sentido que tem hoje, sendo que ela constitui um divisor na compreensão do termo. Mesmo no início de tal revolução, o sentido ainda é o antigo.

O conceito moderno de revolução, inextricavelmente ligado à noção de que o curso da História começa subitamente de um novo rumo, de que uma História inteiramente nova, uma História nunca antes conhecida ou narrada está para se desenrolar, era desconhecido antes das duas grandes revoluções no final do século XVIII<sup>28</sup>.

Nesta afirmação, Arendt já estabelece o que é a revolução no sentido moderno, ao mostrar que está relacionada ao novo, a uma ideia de que algo inédito está por surgir, apesar de que o conceito não está ligado somente à ideia do novo, pois também implica a constituição da liberdade, entendida como a fundação de um mundo público onde exista a possibilidade da liberdade vir à tona. Para acontecer a Revolução é necessária a violência, pois o embate para a derrubada do poder a exige.<sup>29</sup> No decorrer do processo revolucionário não se pode prever os rumos que irá tomar, ela se torna imprevisível e possibilita, até mesmo, contrariar os anseios revolucionários primordiais, considerando que novos atores podem assumir a frente do processo, subjugando ou eliminando os atores do início.<sup>30</sup>

Por ser a Revolução Francesa uma espécie de referência em termos de revolução, é dela que se extrai, em grande medida, o moderno conceito. Daí, os elementos que compuseram esta revolução serem o modelo para a análise do termo, sem pormenorizar ou questionar por que ela é que nos serve de referência e não outra Revolução. Quanto ao significado primeiro da palavra,

---

<sup>25</sup> Sobre a conciliação entre igualdade e liberdade, ver: VIANNA, Luiz Werneck. O problema do americanismo em Tocqueville. In: **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

<sup>26</sup> BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.

<sup>27</sup> ARENDT. **Origens do Totalitarismo**.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. **Da Revolução**, p. 23.

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. **Sobre a Violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

<sup>30</sup> Nesse sentido, para um importante trabalho sobre os rumos de uma Revolução, ver: TOCQUEVILLE, Alexis de. **O Antigo Regime e a Revolução**. Brasília: Editora UNB, 1997. Arendt trabalha o argumento em: ARENDT. **Da Revolução**.



deve-se lembrar que é bem distinto da concepção moderna, mas que não é tão antigo quanto se pode pensar.

A palavra revolução foi originalmente um termo astronômico, que cresceu em importância nas ciências naturais com o *De revolutionibus orbium coelestium* de Copérnico. Nesse emprego científico, o vocábulo reteve seu preciso significado latino, designando o movimento regular, sistemático e cíclico das estrelas, o qual, visto que todos sabiam que não dependia da influência do homem e que era, portanto, irresistível, não era certamente caracterizado nem pela novidade, nem pela violência. Ao contrário, a palavra indica claramente uma recorrência, um movimento cíclico [...] Nada poderia estar mais distanciado do significado original da palavra *revolução* do que a idéia que se apoderou obsessivamente de todos os revolucionários, isto é, que eles são agentes num processo que resulta no fim definitivo de uma velha ordem, e provoca o nascimento de um novo mundo<sup>31</sup>.

Aplicado primeiramente às ciências naturais para designar o movimento das estrelas, observa-se que este significado é bastante diferente do atual. O termo adquiriu uma aplicação política no século XVII, usado em 1660 na Restauração da Monarquia Inglesa e em 1688, na Revolução Gloriosa.<sup>32</sup> Revolução, dessa forma, tem o significado de restaurar uma ordem existente no passado e permanece assim até nas Revoluções Francesa e Americana, lembrando que os protagonistas iniciais das duas visavam a voltar a uma ordem perturbada. “Eles alegavam, com toda sinceridade, que desejavam o retorno dos velhos tempos em que as coisas eram como deviam ser”<sup>33</sup>. Cabe lembrar que Restauração não significa Conservadorismo, pois o termo conservador serviu para designar uma reação à Revolução Francesa no século XIX.<sup>34</sup>

É importante fazer uma distinção: na Revolução Americana, os mesmos que a iniciaram foram até o fim na sua condução; na Francesa, os que a iniciaram não conseguiram conduzi-la por todo momento, por isto mesmo, havendo várias fases durante o processo revolucionário.

Para Arendt, é com a Revolução que o novo pode surgir. Sendo assim, sempre há a possibilidade de um novo começo, de uma natalidade.<sup>35</sup> Afirma-se, portanto, a promessa da política - a constituição da liberdade sob um novo corpo político. Nesse sentido, mesmo com a experiência totalitária no século XX ocorridas em nome de uma classe - Stalinismo - ou de uma raça - Nazismo -, a possibilidade do novo sempre se coloca como condição de esperança para as gerações vindouras.

A fundação de um corpo político adquire um significado precípuo no pensamento político de Arendt, sendo o momento primordial para o nascimento da liberdade que, nos termos

---

<sup>31</sup> ARENDT. **Da Revolução**, p. 34.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_. **Da Revolução**.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. **Da Revolução**, p. 35.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_. **Da Revolução**.

<sup>35</sup> Uma análise sobre o recomeçar em Arendt encontra-se em: DUARTE. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**.



arendtianos, deve permear a *polis*. A Revolução Americana, para ela, configura-se no modelo pensado por Arendt para pensar a Constituição da liberdade.<sup>36</sup> Em contraposição, a Revolução Francesa, apesar de ter colocado em seus primórdios a questão da liberdade, culminou em despotismo ao enfatizar a igualdade em detrimento do ser livre caracterizado por Arendt. É importante destacar que, no tocante à análise arendtiana da Revolução Francesa, há uma crítica em virtude de ter verificado tal Revolução essencialmente sob a época jacobina, deixando de lado, em grande parte, outros momentos revolucionários em que a liberdade não foi obscurecida em nome da igualdade.

O que é necessário ressaltar, de qualquer modo, é a importância da Revolução para um novo começo. A possibilidade, sempre aberta, para a constituição da promessa da política: a liberdade.<sup>37</sup>

### **A historiografia em prol da pluralidade**

A afirmação tocquevilleana de que o passado não pode deixar de lançar suas luzes sobre o futuro, sob o risco da barbárie, está inscrita numa historiografia presentista<sup>38</sup> que almeja criar um espaço público de pluralidade em que o interesse possa ser bem compreendido.

A partir dessa premissa e sob a influência de tal forma de se fazer História, Hannah Arendt questiona se toda uma tradição foi rompida<sup>39</sup> e se, dessa forma, não há mais como lançar luzes sobre o futuro. As questões que se impõem, a partir da premissa supracitada são: toda a tradição foi perdida ou ainda nos restou algo após o totalitarismo? Como Arendt mobiliza uma historiografia que preza pela liberdade? E, por último, mas não menos importante, quais são as possibilidades do bem viver após a barbárie dos campos de concentração?

Sob a influência de Walter Benjamin,<sup>40</sup> Arendt se questiona por que a Tradição de Pensamento Político Ocidental não refletiu sobre a possibilidade do Totalitarismo e da barbárie advinda. Ao que ela conclui que houve um rompimento da tradição. Na esteira de Benjamin, ela busca os fragmentos dessa tradição rompida - como o pescador de pérolas que não se contenta em ficar na superfície e vai ao fundo do oceano rastrear suas riquezas e limitações.<sup>41</sup> No rastro oceânico, Arendt encontra fragmentações do que poderia nos clarificar quanto à experiência

---

<sup>36</sup> ARENDT. **Da Revolução**.

<sup>37</sup> \_\_\_\_\_. **A promessa da política**. São Paulo: Difel, 2009.

<sup>38</sup> Sobre a historiografia presentista em Tocqueville, ver: JASMIN, Marcelo G. **Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política**.

<sup>39</sup> Sobre o rompimento da tradição conforme Arendt, ver: DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e ruptura em Hannah Arendt**.

<sup>40</sup> ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. Ver também: DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**.

<sup>41</sup> Sobre a metáfora do pescador de pérolas, ver: \_\_\_\_\_. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**.



totalitária do século XX, indo ao encontro de uma tradição esquecida, o republicanismo. A fim de preservar as características desse republicanismo, Arendt mobiliza o *storyteller*.<sup>42</sup> O “contador de histórias” arendtiano objetiva evitar o isolamento dos indivíduos numa sociedade atomizada, em que o indivíduo situado numa sociedade de massas deixaria de lado o conviver em prol de uma vida estritamente relegada à intimidade do âmbito privado.

Aos riscos de uma vida estritamente privada é que Arendt aciona todo um ideário para salvaguardar a República. O *storyteller* seria aquele que através do diálogo e da conversa com os pares, remediaria o isolamento do ser da modernidade, ou seja, as estórias conservariam a pluralidade e a *vita activa* contra a barbárie. De forma metafórica, assim como Tocqueville almejou que as luzes do passado fossem lançadas para as gerações vindouras, o ideal arendtiano deseja que o *storyteller* ilumine a sociedade contra as formas da barbárie.

### Fundação do mundo político

Se para Arendt, a possibilidade do bárbaro ronda as formações sociais que se retiram da *vita activa*, e se ela mobiliza um pensamento contra o que poderia nos levar novamente aos campos de concentração, a possibilidade do novo, do recomeçar, sempre é uma esperança de que, diante da barbárie, surja no corpo político a novidade trazendo consigo a promessa da política. Conforme Arendt, o sentido da política é a liberdade.<sup>43</sup> Não em sentido negativo como nos liberais (liberdade de ir e vir e de não ser oprimido). Mas em sua positividade - sou livre enquanto participante dos assuntos referentes à *polis* - assuntos comuns que envolvem a fala e a ação num âmbito público.

As Revoluções seriam o momento em que sempre haveria a possibilidade do começo. Dessa forma, a partir do processo revolucionário se instauraria um corpo político em prol da liberdade.<sup>44</sup> É preciso ressaltar, no entanto, que nem toda Revolução que começa em nome da liberdade estabiliza-se indistintamente dessa maneira. Retomando Tocqueville, no decorrer de um processo revolucionário fica difícil fazer uma previsão sobre os eventos a seguir. Os acontecimentos se tornam ingovernáveis.<sup>45</sup> A Revolução Francesa, por exemplo, culminou, segundo Arendt, no caminho da igualdade em detrimento da liberdade, sendo conduzida pela questão social, pela necessidade. No entender dela, tomando como paradigma essa Revolução, o esquecimento da primazia da participação política em nome de uma pretensa igualdade seria uma

<sup>42</sup> Uma análise interessante do *storyteller* em Arendt encontra-se em: MATOS, Olgária Chain F. Matos. O storyteller e o flâneur: Hannah Arendt e Walter Benjamin. In: BIGNOTTO, Newton.; MORAES, Eduardo Jardim de. (Orgs.).

**Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias.**

<sup>43</sup> ARENDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

<sup>44</sup> \_\_\_\_\_. **Da Revolução.**

<sup>45</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. **Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



armadilha, que, no caso específico francês, resultou no terror jacobino. Dessa forma, a Revolução na França ocasionou em libertação e não em liberdade.<sup>46</sup> Esse problema, na teoria arendtiana, pode culminar na tirania.

Em contrapartida, a Revolução Americana foi norteadada pela política, sendo um modelo mais próximo dos conceitos de Arendt. Nunca é demais lembrar que no caso francês os estudos de Arendt são conduzidos quase exclusivamente sob o período jacobino. No argumento arendtiano, mesmo com toda a sua descrença ante o fenômeno totalitário, a esperança sempre reside no reinício da liberdade.

### **Uma tentativa de aproximação de Arendt com Tocqueville no tocante à possibilidade da barbárie na modernidade**

Alexis de Tocqueville pensou a sociedade de sua época tendo como mote o princípio de que a igualdade é um fato irreversível da modernidade.<sup>47</sup> A reflexão tocquevilleana busca responder à seguinte indagação: como salvaguardar a república numa sociedade em que o desejo pela igualdade torna-se a condição fundamental da existência?

Num outro tempo, Arendt, de forma não muito diferente de Tocqueville, buscou responder ao questionamento: como salvaguardar a República numa sociedade de massas, onde emergiu o totalitarismo, o terror, os campos de concentração e uma lógica burguesa de vida em que o âmbito privado e o gozo por bens materiais estão acima de outros valores? A partir dos quesitos supracitados podemos tentar algumas aproximações no tocante ao entendimento da modernidade.

Tocqueville preocupou-se com um aspecto perigoso da democracia: o despotismo democrático.<sup>48</sup> Problema este que na concepção tocquevilleana se efetivaria devido ao desejo pela igualdade, pelos bens materiais, sem a contrapartida da participação política. Ele tentou solucionar tal problema sob o princípio de que o adquirir bens para gozo no âmbito privado era algo irreversível. Não obstante, o interesse particular, a fim de não degenerar a República, teria que ser bem compreendido,<sup>49</sup> conciliando a igualdade com o interesse público e a participação política. Na perspectiva de Tocqueville, a modernidade, com suas características peculiares,

---

<sup>46</sup> ARENDT. **Da Revolução**.

<sup>47</sup> TOCQUEVILLE. **A Democracia na América**: leis e costumes. Para um comentador sobre o assunto, ver: VIANNA, Luiz Werneck. O problema do americanismo em Tocqueville. In: **A revolução passiva**: iberismo e americanismo no Brasil.

<sup>48</sup> RHEINARDT, Mark. **The Art of Being Free**: Taking Liberties with Tocqueville, Marx, and Arendt. New York: Cornell University Press. 1997. Ver, também: JASMIN. **Alexis de Tocqueville**: a historiografia como ciência da política.

<sup>49</sup> TOCQUEVILLE. **A Democracia na América**: sentimentos e opiniões.



necessária da tradição do Republicanismo a fim de evitar o despotismo democrático.<sup>50</sup>

Arendt, por sua vez, mobilizou a tradição esquecida do Republicanismo para, da mesma forma que Tocqueville, salvaguardar a sociedade de seu tempo da degeneração. Num outro contexto, sob a barbárie dos campos de concentração, ela vislumbrou que sem a liberdade política, sem a participação dos cidadãos na esfera pública, a sociedade de massas correria um sério risco, que, no limite, poderia resultar nas condições que culminaram no totalitarismo. A democracia, na concepção arendtiana, sempre corre o risco do que se constituiu na experiência totalitária.

Outro problema diagnosticado por Tocqueville é a tirania da maioria<sup>51</sup> que, numa sociedade de iguais, também seria uma forma de degeneração. Tal tirania ocorreria devido a uma visão única dos indivíduos nas formas de se conceber e pensar a sociedade. As minorias, as diferenças, poderiam, dessa forma, ser eliminadas pela igualdade, não só ante a lei mas também pelos prazeres exclusivos nos bens para a vida privada: pensamento único numa sociedade de iguais.<sup>52</sup>

Por seu turno, de forma similar a Tocqueville, Arendt verifica o perigo de uma sociedade de massas, de pensamento único em adquirir mercadorias, cujo resultado já teria mostrado sua faceta para a esfera pública. É interessante observar que ela, já na década de 1960, cuida de preservar as diferenças contra a homogeneização massificada. Talvez, o maior exemplo da importância das diferenças no argumento arendtiano seja sua análise da integração judicializada no caso “*Little Rock*”.<sup>53</sup>

No tocante à historiografia, encontram-se em Tocqueville e Arendt muitos pontos em comum. Nesta, há uma mobilização do *storyteller* para a preservação da pluralidade, da convivência e da amizade (*philia*).<sup>54</sup> Nele, um acionamento da escrita da História para interferir no presente, presentismo,<sup>55</sup> em prol da participação na esfera pública.

Enfim, nas linhas acima, traçamos um esboço, *grosso modo*, das continuidades entre Tocqueville e Arendt. Tais continuidades não se resumem às linhas traçadas, pois este não é o

---

<sup>50</sup> \_\_\_\_\_ . **A Democracia na América:** leis e costumes.

<sup>51</sup> RHEINARDT. **The Art of Being Free:** Taking Liberties with Tocqueville, Marx, and Arendt. Ver, também: JASMIN. **Alexis de Tocqueville:** a historiografia como ciência da política.

<sup>52</sup> QUIRINO, Célia Galvão. **Dos infortúnios da igualdade ao gozo da liberdade.** São Paulo: Humanitas, 2001.

<sup>53</sup> Sobre o caso “Little Rock”, ver: BOHMAN, James. The Moral Costs of Political Pluralism: The Dilemmas of Difference and Equality in Arendt’s “Reflections on Little Rock”. In: KOHN, J. et MAY L. **Hannah Arendt Twenty Years Later.** Londres: Mit Press, 1996. Em Arendt, ver: ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e Julgamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>54</sup> No tocante à amizade como um dos valores do republicanismo, ver: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** São Paulo: Abril Cultural, 1973.

<sup>55</sup> Sobre a historiografia presentista, ver: JASMIN. **Alexis de Tocqueville:** a historiografia como ciência da política.



nosso objetivo no presente artigo. Fica, no entanto, uma lembrança de dois pensadores que mobilizaram características do Republicanismo para pensar a modernidade contra a barbárie.

### Considerações Finais

A indagação de Arendt, a qual permeou todo o seu pensamento, constituiu-se na inquietação ante a barbárie de seu tempo e sob quais condições ela emergiu nas formações sociais por ela analisadas.

Ao identificar as origens do Totalitarismo, Arendt perscrutou toda a História do Pensamento Político Ocidental no intuito de compreender o fenômeno, sem precedentes, das experiências totalitárias. Não se satisfazendo com o que encontrou, nem com os lugares comuns, buscou na tradição do Republicanismo o que foi esquecido e que poderia nos ajudar a entender a barbárie e salvaguardar a República.<sup>56</sup> A pluralidade, a *philia* e a convivência entre os pares - em conciliação com a igualdade - fazem parte do arcabouço arendtiano vislumbrando um futuro melhor para as gerações a seguir.

A promessa da política, em Arendt, o recomeçar, a natalidade, sempre trazem a esperança da formação de um corpo político perpassado pela liberdade e pela *virtú* maquiaveliana.<sup>57</sup>

Para as condições atuais, um trabalho sob a inspiração do republicanismo, intitulado *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna*,<sup>58</sup> de Robert Putnam, evoca a importância da liberdade como participação política. Para Putnam o fato do norte da Itália ser mais desenvolvido que o Sul, está alicerçado na participação política nortista.

Pensando com Hannah Arendt, a República degenerar-se-ia pela indiferença cívica. Da mesma forma, a participação, sem a devida tolerância à pluralidade, sinalizaria a decadência da República. Visto nesta perspectiva, o tema abordado neste artigo continua atual.

---

<sup>56</sup> DUARTE. **O pensamento à sombra da ruptura:** política e filosofia em Hannah Arendt.

<sup>57</sup> Sobre a *virtú* maquiavelliana, ver: BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel Republicano.** São Paulo: Loyola, 1991.

<sup>58</sup> PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia:** a experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.